



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Discursos do capitalismo e ideologia neoliberal: perspectivas lacanianas das respostas subjetivas ao real

Tania Coelho dos Santos

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-Doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris 8 (Paris, França)
Professora Visitante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de São João del Rei / UFSJ (Minas Gerais, Brasil)
Professora Associada IV Aposentada do Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora Nível 1C do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq/Brasil)
Presidente do Instituto Sephora de Ensino de Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Membro da Diretoria da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental / AUPPF (São Paulo, Brasil)
Membro da École de Cause Freudienne / ECF (Paris, França)
Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP (São Paulo, Brasil)
Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP (Paris, França)
Email: coelhosantostania@gmail.com

Resumo: Neste artigo, nos dedicamos a questionar a unilateralidade da perspectiva sociológica. Ela tende a generalizar o mal-estar no neoliberalismo pois, desconsidera o ponto de vista do sujeito que percebe a nova ordem como potencialmente rica em oportunidades. Apoiados na perspectiva psicanalítica orientada pelo último ensino de Lacan nos perguntamos: que perdas e ganhos esse modelo proporciona? Porquê esse processo de transformação do capitalismo enseja avaliações tão negativas entre os intelectuais se uma parcela considerável de trabalhadores não está descontente com ela? Em seguida apresentaremos as duas formalizações lacanianas do discurso do capitalista. Destacamos que a primeira é compatível com a estrutura do sujeito e do laço social no capitalismo clássico (ou fordista/taylorista na linguagem das ciências sociais) e a segunda pode servir de modelo da estrutura do sujeito e do laço social no neoliberalismo. Destacamos a compatibilidade entre as formalizações do discurso capitalista com as leituras sociológicas negativas afinadas com a doutrina marxista. Na contramão dessa abordagem, propomos uma estratégia clínica baseada na singularidade do sintoma de cada um (sinthoma) e seu potencial de invenção de soluções singulares com responsabilidade subjetiva e social.

Palavras-chave: Discursos; Capitalismo; Neoliberalismo; Respostas subjetivas; Sinthoma.

Discours du capitalisme et idéologie néolibérale: perspectives lacaniennes sur les réponses subjectives au réel: Dans cet article, nous nous consacrons à remettre en question le caractère unilatéral de la perspective sociologique. Elle tend à généraliser le malaise du néolibéralisme car elle ignore le point de vue du sujet qui perçoit le nouvel ordre comme potentiellement riche en opportunités. Soutenus par la perspective psychanalytique guidée par le dernier enseignement de Lacan, nous nous demandons : quelles pertes et quels gains ce modèle apporte-t-il ? Pourquoi ce processus de transformation du capitalisme donne-t-il lieu à des évaluations aussi négatives de la part des intellectuels, si un nombre considérable de travailleurs n'en sont pas mécontents ? Nous présenterons ensuite les deux formalisations lacaniennes du discours capitaliste. Nous soulignons que le premier est compatible avec la structure du sujet et le lien social dans le capitalisme classique (ou fordiste/tayloriste dans le langage des sciences sociales) et le second peut servir de modèle de la structure du sujet et du lien social. dans le néolibéralisme. Nous soulignons la compatibilité entre les formalisations du discours capitaliste et les lectures sociologiques négatives en phase avec la doctrine marxiste. Contrairement à cette approche, nous proposons une stratégie clinique basée sur le caractère unique du symptôme de chaque personne (synthome) et sur son potentiel à inventer des solutions uniques avec une responsabilité subjective et sociale.

Mots clés: Discourses; Capitalisme; Néolibéralisme; Réponses subjectives; Sinthome;

Discourses of capitalism and neoliberal ideology: Lacan oriented perspectives on subjective answers to the real: In this article, we dedicate ourselves to questioning the one-sidedness of the sociological perspective. It tends to generalize the malaise in neoliberalism because it disregards the point of view of the subject who perceives the new order as potentially rich in opportunities. Supported by the psychoanalytic

perspective guided by Lacan's latest teaching, we ask ourselves: what losses and gains does this model provide? Why does this process of transformation of capitalism give rise to such negative evaluations among intellectuals if a considerable number of workers are not unhappy with it? Next, we will present the two Lacanian formalizations of the capitalist's discourse. We highlight that the first is compatible with the structure of the subject and the social bond in classical capitalism (or Fordist/Taylorist in the language of social sciences) and the second can serve as a model of the structure of the subject and the social bond in neoliberalism. We highlight the compatibility between the formalizations of capitalist discourse and negative sociological readings in tune with Marxist doctrine. Contrary to this approach, we propose a clinical strategy based on the uniqueness of each person's symptom (synthome) and their potential for inventing unique solutions with subjective and social responsibility.

Keywords: Discourses; Capitalisme; Neoliberal ideology; Subjective answers; Sinthom.

Discursos do capitalismo e ideologia neoliberal: perspectivas lacanianas das respostas subjetivas ao real

Tania Coelho dos Santos

Introdução

Os acontecimentos de fins da década de 1960 e de meados dos anos 1970 marcam o início de uma profunda transformação nas sociedades ocidentais. Segundo Coelho dos Santos (2019), uma revolução social e cultural ocorreu ao final dos anos 1960. Estes acontecimentos sociais sucederam o incrível desenvolvimento econômico que grande parte do mundo vai experimentar depois das perdas catastróficas infligidas pela Segunda Guerra Mundial. A pós-modernidade é esta revolução nos costumes que começa a ser preparada ao longo dos anos 50, período em que muitas nações vão conhecer um crescimento industrial e tecnológico estupendo. Do nosso ponto de vista, a condição pós-moderna inaugura-se juntamente com os acontecimentos de maio de 1968 em todo mundo. O paradoxo que assinala é o da radicalização de movimentos estudantis de esquerda e a emergência de Estados de Bem-estar com grandes gastos em seguridade social, manutenção de renda, assistência e educação. O capitalismo tornou a compensação das desigualdades possível. A explosão de radicalismo estudantil em 1968 pegou de surpresa políticos e intelectuais mais velhos. Acredito que essa radicalização da esquerda universitária está viva e explica o ponto de vista adotado pelos pesquisadores na área de ciências humanas e sociais em suas análises acerca dos efeitos do discurso do capitalismo.

Sant'Anna (2024) investiga as proposições de alguns pesquisadores do mesmo fenômeno que acabamos de mencionar. O autor resenha bastante bem o que consideramos como repercussões no campo das ciências humanas e sociais dos movimentos de maio de 1968. Segundo Harvey (2005), os principais vetores dessa transformação foram a derrocada do modelo fordista de produção e regulação do trabalho, em construção desde o início do século XX, e a ascensão do neoliberalismo. O colapso dos "trinta anos gloriosos" de crescimento e estabilidade nas economias industriais avançadas do pós-guerra, sustentados por políticas keynesianas e de bem-estar social dá lugar, de acordo com Glynn (2006), a uma nova configuração global. Como resposta a essa reconfiguração das relações capital-trabalho, a ideologia neoliberal propõe políticas econômicas baseadas na flexibilização do trabalho, privatizações e desregulações e na retração dos Estados de Bem-estar Social. De acordo com Jessop (2002) e Streeck (2014), esse novo arranjo do capitalismo acentua as desigualdades sociais e fragmenta os laços sociais.

Neste artigo, nos dedicamos a questionar a unilateralidade da perspectiva sociológica. Ela tende a generalizar o mal-estar no neoliberalismo pois, desconsidera o ponto de vista do sujeito que percebe a nova ordem como potencialmente rica em oportunidades. Apoiados na perspectiva psicanalítica orientada pelo último ensino de Lacan nos perguntamos: que perdas e ganhos esse modelo proporciona? Por que esse processo de transformação do capitalismo enseja avaliações tão negativas entre os intelectuais se uma parcela considerável de trabalhadores não está descontente com ela? Para fundamentar nosso questionamento, nos baseamos na pesquisa minuciosa de Sant'Anna (2024), na

qual o autor destaca as leituras negativas de muitos sociólogos e economistas da expansão do neoliberalismo. Em seguida, apresentaremos as duas formalizações lacanianas do discurso do capitalista. Destacamos que a primeira é compatível com a estrutura do sujeito e do laço social no capitalismo clássico (ou fordista/taylorista na linguagem das ciências sociais) e a segunda pode servir de modelo da estrutura do sujeito e do laço social no neoliberalismo. Destacamos a compatibilidade entre as formalizações do discurso capitalista e as leituras sociológicas negativas afinadas com a doutrina marxista. Na contramão dessa abordagem, propomos uma estratégia clínica baseada na singularidade do sintoma de cada um (*sinthoma*) e seu potencial de invenção de soluções singulares com responsabilidade subjetiva e social. Esclarecemos que o sintoma inconsciente é um conceito freudiano que explica o modo de subjetivação da pulsão no século XIX e XX: uma formação de compromisso com as exigências sociais. Já o *sinthoma*, novo conceito laciano, é apenas um modo de gozo pulsional autoerótico do corpo, que não se submete às exigências sociais, mas pode aparelhar uma invenção de um objeto ou de um laço social inédito.

Retomando o artigo de Sant'Anna (2024), passamos a tratar dos impactos subjetivos do capitalismo neoliberal emergente em fins de século XX e início do século XXI. Bauman (2000) afirma que as mudanças em jogo no capitalismo neoliberal desencadeiam não apenas transformações econômicas, mas também profundas reconfigurações sociais e culturais. A classe média da era fordista, outrora a espinha dorsal das democracias liberais ocidentais, entra em decadência e, de acordo com Standing (2011), emerge um novo grupo social - o "precariado" - caracterizado pela insegurança e vulnerabilidade do mercado de trabalho. Em nossa perspectiva, essa experiência subjetiva depressiva de muitos trabalhadores, decepcionados com os novos contratos intermitentes e instáveis de trabalho, é um fato psicossocial inquestionável. Ressaltamos a mudança acelerada de um modelo celetista de contratação de emprego para um modelo "pejotista", em que o trabalhador é recrutado enquanto uma pessoa jurídica. Embora os valores pagos ao profissional nesse novo modelo de contratação sejam com frequência, bem mais altos do que o salário pago a um celetista, traz consigo um acréscimo de insegurança pela perda dos "direitos trabalhistas". Argumentamos, em contrapartida, que o ponto de vista de muitos outros sujeitos sobre essa mudança nas relações capital/trabalho não é esse. Acreditam que são mais livres e produtivos sem a obrigatoriedade do emprego formal regulado pelo contrato formal de trabalho pela CLT. De um modo geral, as leituras sociológicas e muitas leituras psicanalíticas, na medida em que se ocupam dos problemas de saúde mental, privilegiam a experiência subjetiva dos indivíduos que se sentem fracassados, deprimidos e excluídos. Por que a experiência dos sujeitos bem-sucedidos e satisfeitos com as novas modalidades de trabalho e realização pessoal não é levada em conta por tantos estudiosos do fenômeno do capitalismo neoliberal?

Nossa resposta é: existe uma opção majoritária dos autores pela doutrina marxista. E essa opção deriva da cultura universitária pós-68 que domina o campo de pesquisa nas ciências humanas e sociais. Os estudos nessa área mal se distinguem de libelos em defesa de uma organização socialista e um repúdio veemente do sistema capitalista em geral e de sua versão neoliberal em particular. Vejamos

o que Sant'Anna (2024) nos permite perceber acerca desse aspecto. De acordo com Singer (2012), essas transformações alteram as noções de representatividade política, a dinâmica das classes sociais, face à incapacidade das representações políticas tradicionais em responder à crise do modelo fordista. Resulta desta fraqueza da esquerda tradicional em oferecer novos caminhos, a expansão da disputa entre as correntes político-ideológicas ditas de "extrema direita" e de "esquerda radical" pelos rescaldos do fordismo. Martin-Barbero (2014) destaca o papel central das igrejas neopentecostais no Brasil e Mouffe (2018) ressalta a ocupação dos espaços deixados pelas representações políticas tradicionais por movimentos ditos de "extrema direita" e de "esquerda radical".

Neste artigo, reconheço que os fenômenos apontados pelos dois autores são evidentes e indiscutíveis, não faltam pesquisas a respeito do mal-estar subjetivo bem como dos transtornos mentais provocado pelo aumento da competitividade, pela redução das garantias trabalhistas e pela insuficiência das redes de proteção social. Argumentamos, entretanto, que isso não significa que todo o processo de flexibilização os laços sociais e do mercado de trabalho seja sempre e necessariamente negativo. O ponto de vista que adotamos neste artigo é o de contrastar as formas de subjetivação que emergem no rastro do neoliberalismo, destacando que o ponto de vista dos sujeitos oriundos do declínio da classe média pode não coincidir com essa ideia de que estão todos, generalizadamente, mais precários. Também os efeitos de concentração de renda e aumento da desigualdade social são frequentemente registrados pela literatura sociológica. Em apoio a esse ponto de vista se costuma destacar o notável fortalecimento dos grandes grupos econômicos, bem como o crescimento exponencial do mercado de capitais. A concentração de riqueza, em princípio, aumenta a desigualdade econômica e social. Vale ressaltar, porém, que o acesso ao investimento em fundos generalizou-se. Não é mais privilégio da classe média alta. Faz parte desse novo cenário em que qualquer um pode ser ver como sócio e coproprietário do capital. O crescimento do grupo de indivíduos que trabalha por conta própria - que do ponto de vista de Standing (2011) deve ser nomeado como precariado - pode por essa razão ser abordado em outra perspectiva. Qual seja, cresce o número de pequenos empreendedores autônomos, assim como de profissionais liberais que atuam como pessoas jurídicas. Ambos tendem a considerar que se liberaram do emprego engessado com carteira assinada. Seria muito útil, se nesse cenário de aumento da desigualdade, pudéssemos distinguir quais os nichos sociais desfavorecidos, em que floresce o fenômeno notável de trajetórias socioeconômicas individuais ascendentes. Na próxima seção, vamos indagar como o sujeito responde à ideologia neoliberal. Para sustentar essa questão, distinguimos o novo discurso do capitalista, orientado pelo imperativo individualista radical de empreender e consumir, do discurso clássico do capitalismo da era fordista, orientado pelo imperativo de produzir e acumular em benefício das futuras gerações.

O estatuto do Outro, do sujeito e do laço social no capitalismo neoliberal

O declínio das grandes narrativas (religião e ciência moderna) enfraqueceu os laços sociais tradicionais organizados a partir das relações edípicas, sob o primado do Nome do pai e das estruturas

elementares do parentesco. Coelho dos Santos (2014) analisa a tese de Miller (1996-1997/2005) de que o reino do Nome-do-Pai - significante do Outro que existe - corresponderia à época freudiana da psicanálise. Se Lacan formalizou a teoria freudiana do Complexo de Édipo - ainda segundo Miller - não foi por adesão, para lhe dar continuidade, mas para colocar um fim. O matema $S(A)$ designa a pluralização dos Nomes do Pai, e sua pulverização. A inexistência do Outro inaugura a época lacaniana da psicanálise, a época dos desenganados (*Les non dupes du nom du père*), descrentes, errantes (*les non dupes errant*) como esta homofonia na língua francesa permite apreender. O autor conclui que, hoje, os indivíduos não se enganariam mais ou menos com o Nome-do-Pai, pois sabem que ele é somente um semblante.

Ainda de acordo com Coelho dos Santos (2022), a nova moral sexual civilizada nos permite acrescentar à ideia de que o Outro não existe a seguinte observação: a hegemonia do novo discurso neoliberal do capitalista, radicalmente individualista, orientado pelo empreendedorismo e voltado para o consumo, produz novos sintomas e novos laços sociais. A modalidade prevalente de uso do corpo seja no trabalho, seja no usufruto do lazer tende ao excesso, isto é, à desregulação. Inibições e compulsões vicejam quando o gozo não se organiza mais necessariamente de acordo com o primado da lógica edipiana. O sujeito da era neoliberal precisa lidar com discursos pós-modernos que radicalizam a inexistência do Outro simbólico e apostam na forclusão generalizada do Nome do Pai. Entre eles podemos elencar o feminismo radical e as diferentes versões pró-diversidade sexual, étnica e racial.

Coelho dos Santos (2023) recorda que o campo da fala e da linguagem, estruturado como o discurso do Outro, funciona de modo a manter a boa distância em relação ao impossível no campo do gozo. O que entendemos por capitalismo fordista não foge à regra de que a relação da linguagem ao real do gozo foi, até o nosso passado recente, tradicionalmente mediada pelo mito edipiano ou pela metáfora paterna. O inconsciente é o discurso do Outro. Lacan (1969-1970/1992) formalizou a estrutura subjetiva reunindo a definição do sujeito como aquilo que "um significante representa para outro significante" ($S1-S2$) ao seu efeito inconsciente, a "fórmula do fantasma" ($\$ \langle a \rangle$). Juntos configuram o discurso do mestre que funda a civilização judaico-cristã. Os sintomas e o laço sociais tradicionais são isomorfos a esse discurso.

Os quatro discursos são a formalização proposta por Lacan (1969-1970/1992) de uma topologia dos lugares em jogo no mito edipiano. Eles articulam o campo do saber ($S1-S2$) ao campo da fantasia ($\$ \langle a \rangle$). Dizendo de outro modo, articulam a relação entre os significantes ($S1-S2$) ao campo do gozo, isto é, ao campo da relação do sujeito dividido ($\$$) ao objeto mais de gozar (a). Os quatro discursos são estruturalmente equivalentes aos sintomas e aos laços sociais em nossa civilização judaico cristã. São quatro lugares que se permutam entre si. O lugar do agente (Nome do Pai), do Outro (saber/Desejo da mãe), do sujeito/verdade ($\$$) e da produção (objeto a). Este quadrípodo mantém o real do gozo absoluto à distância, reduzindo-o às migalhas do objeto a . (Coelho dos Santos, 2023, p. 22).

$$\frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow // \frac{\text{outro}}{\text{produção}}$$

A autora explica que o lugar do agente foi inaugurado pelo discurso religioso. O Nome do Pai, ou (S1), é aquele criou o mundo, Deus. Esse é o discurso do mestre que reinou soberano até o advento do discurso da ciência, discurso histórico, cujo agente é o sujeito dividido (\$). Este último age para demonstrar que o mestre não sabe tudo, é barrado ou dividido (A). O discurso universitário sucede o discurso da ciência e coloca o saber (S2) no lugar de agente. É o reino da burocracia. Não se trata de saber tudo, mas de tratar tudo pela via do saber. É o tempo dos comitês de ética, das normas, dos processos, dos procedimentos, dos protocolos e das avaliações. E, finalmente, há o discurso do analista. Ele se propõe a despertar a causa do desejo, por essa razão coloca seu semblante, o resto de gozo (objeto *a*), no lugar de agente. Todos eles partem do princípio de que o gozo absoluto é impossível. No campo do discurso, o gozo só comparece enquanto reduzido a migalhas, às espécies do gozo, aos objetos *a*.

<p>Discurso do Mestre</p> $\frac{S1}{\$} \rightarrow // \frac{S2}{a}$	<p>Discurso Universitário</p> $\frac{S2}{S1} \rightarrow // \frac{a}{\$}$
<p>Discurso da Histórica</p> $\frac{\$}{a} \rightarrow // \frac{S1}{S2}$	<p>Discurso do Analista</p> $\frac{a}{S2} \rightarrow // \frac{\$}{S1}$

De acordo ainda com a autora, o discurso do capitalismo fordista é homogêneo ao discurso do mestre tradicional. Para compreender esse ponto, nos explica que basta levar em conta que no lugar da produção está o objeto *a*, objeto mais de gozar. Como é do conhecimento geral, é o conceito lacaniano que equivale ao conceito marxista de lucro ou mais valia. No discurso da ciência ou histórico o que se produz é o saber (S2). No discurso universitário, o que se produz é o sujeito dividido (\$). Já no discurso do analista, o que se produz é o próprio agente (S1). Somente o discurso do analista permite extrair as identificações ou significantes mestres (S1) que comandam uma subjetividade qualquer desalienando o sujeito. A direção do tratamento analítico, por meio dessa operação de separação/desalienação consiste em alcançar a singularidade do gozo de cada um. Nossa hipótese é a de que discurso do capitalismo neoliberal pode ser compatível com o direito ao exercício do gozo singular de cada um. Permite, eventualmente, que um sujeito possa inventar uma solução sintomática para encontrar uma satisfação inédita no trabalho. Vamos retornar a esse ponto mais adiante. Antes, porém, vamos fazer uma exposição cuidadosa das leituras de Lacan que se colocam à serviço de uma aproximação com a doutrina marxista. Ela prolifera entre psicanalistas e universitários dedicados ao

estudo da obra de Lacan. Caracterizam-se por uma abordagem negativa dos efeitos do capitalismo, ressaltando a desregulação do gozo e o rebaixamento do sujeito ao consumidor e negligenciando seus efeitos de produção de novas subjetividades com muito mais liberdade para inventar e de pagar o preço por elas com a devida responsabilidade.

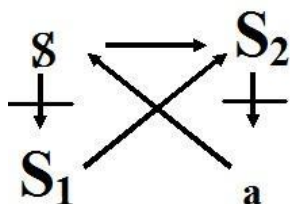
Passamos a resenhar brevemente o artigo de Malcher (2022), complementando a exposição dos quatro discursos. O autor destaca que além dos termos e lugares, há operadores essenciais na estrutura dos quatro discursos: as barras, as setas e a barreira. A barra simbólica do recalque escreve-se por meio da impossibilidade assinalada no nível superior e a barreira narcísica do imaginário escreve-se como impotência no nível inferior. O discurso do mestre é a forma canônica, inaugural do discurso. O nascimento da ciência corresponde ao giro discursivo em direção ao discurso da histórica. O giro discursivo do discurso do mestre ao discurso universitário é a mutação que confere ao discurso do mestre seu estilo capitalista. No discurso universitário o saber ocupa o lugar de agente, destituindo o significante-mestre dessa função:

[...] o que se opera entre o discurso do senhor antigo e o do senhor moderno, que se chama capitalista, é uma modificação no lugar do saber” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 29-30). não é mais o mesmo, tampouco o saber, ao passar do lugar do trabalho ao de agente (Lacan, 1969-1970/1992, p. 33).

O autor conclui destacando dois pontos significativos e certamente articulados, dessa mudança no campo do saber: a espoliação do saber do trabalhador, que Karl Marx denuncia como alienação do trabalho (Marx, 1867/2013), e o viés cada vez mais quantitativo, matemático, desprovido de qualidades, do saber, índices de uma desumanização da relação do sujeito ao saber (Miller, 2005; Teixeira, 2007).

Coelho dos Santos (2023), por sua vez, recorda que Lacan (1969-1970/1992) apontou que, nos anos 1960, o saber entrou no mercado e foi reduzido a uma mercadoria que se compra e se vende. A expansão do discurso universitário conduziu o saber à burocracia, reduzindo-o ao diploma. Esse passo anuncia o ponto de descontinuidade entre a nossa época e a modernidade. Precede a profunda torção que sofreu o discurso do capitalismo. Aliado ao discurso da ciência, o discurso do capitalismo não é mais nem mesmo um discurso. Rejeita o inconsciente. Não supõe sequer que exista alguma coisa que seja impossível. Anuncia que tudo é possível. O real, na medida em que é impossível de representar, não é mais recalcado. Ele está foracluído do discurso contemporâneo do capitalismo. O gozo apresenta-se em excesso em lugar de reduzir-se às migalhas do objeto *a*. O inconsciente já não se reduz ao recalcado, isto é, à história. A essa leitura negativa, opomos a seguinte pergunta: o inconsciente é também real? Não é isso que o último ensino de Lacan nos propõe? Essa nova configuração do discurso capitalista não abre a porta para a singularidade do gozo de cada um?

Discurso do capitalista



Calazans et al. (2023) nos oferecem uma reflexão acerca dos avanços de Lacan (1972) no *Discurso de Milão*, quando formaliza um quinto discurso, que se caracteriza pela inversão dos termos S₁ e \$, do lado esquerdo da estrutura (agente/verdade) no discurso do mestre. Os autores questionam as consequências da ausência da impossibilidade e impotência - enquanto operadores que nos demais discursos - faziam a mediação entre o campo do agente/Outro e o produto/verdade. Servem-se de Soler (2011) para apontar que nesse discurso o sujeito não se institui pela marca da divisão da linguagem, mas sim pela produção e circulação de mais-de-gozar na vertente do imperativo do gozo excessivo. O quinto discurso, ao desarticular a impossibilidade e a impotência, engendra uma equivalência entre sujeito e objeto, conduzindo a uma elisão da falta enquanto causa do desejo. A consequência dessa manobra discursiva é a de restringir o desejo à demanda fechada e sem pontos de fuga para que o excesso de gozo seja mediado no laço social. O que está em questão é um curto-circuito discursivo, pois os significantes mestres dessa estrutura, estão situados no lugar da verdade e a alcançam diretamente. Deste modo, já não seriam perpassados pela retroação implicada por uma perda de saber no nível do sujeito e do Outro. Assim, as vidas seriam infinitamente produtivas sem equívocos e suspensões dos significantes fornecidos por ele. A configuração analisada pelos autores corresponderia, segundo nos parece, ao que Lacan nomeou como "foraclusão generalizada do Nome do Pai" e que produziria como efeito sujeitos desenganados que vagam sem rumo. Como desenvolvemos em Coelho dos Santos (2023) seriam psicóticos ordinários, sujeitos que precisam suprir a falta do Nome do pai por meio de um arranjo imaginário qualquer. Podem ser *workaholics* aderidos a vidas infinitamente produtivas. Há outras maneiras, psicóticas ou não, de se arranjar com a falta do Nome do Pai. Ressaltamos mais uma vez que essa leitura negativa não leva em conta que, se o inconsciente é real e não apenas estruturado pelo discurso do Outro, nessa reconfiguração do discurso do capitalista existe a possibilidade de que cada um faça valer sua própria singularidade.

Para Malcher (2022) como já antecipamos mais acima, a mutação no lado esquerdo do discurso do mestre, com a inversão de lugares entre S₁ e \$ suprime a seta da impossibilidade bem como a barreira da impotência no nível inferior. O autor também acredita que o quinto discurso permite que o circuito se feche, afastando o aparelho discursivo do trabalho na busca. Já não seria mais impossível realizar plenamente a recuperação do gozo. A impotência, que é uma barreira imaginária, já não tenta ocultar esse impossível, perdendo sua função de proteção do gozo. Esse processo começa no discurso universitário e consolida-se definitivamente no quinto discurso, o do capitalista. O lugar da

produção/perda fica separado do lugar da verdade somente por \$, o sujeito dividido. Essa barreira pode ser é transposta graças à adesão sem freios ao consumo. O sujeito consumidor seria um mero meio de passagem do mais-de gozar ao capital: $a \rightarrow \$ \rightarrow S1$. O autor conclui que a marca distintiva do capitalismo no campo do gozo é a forclusão da castração. Ele engendra uma promessa ao sujeito de evitar a falta pela via do consumo, da mercadoria, instaurando-se um imperativo de consumo excessivo e incessante. Marx, o autor nos recorda, denuncia que o proletário é espoliado não somente do saber acerca do trabalho, mas, sobretudo do usufruto daquilo que produz. O que o discurso do capitalista visa é uma relação do sujeito (consumidor) com o objeto (mercadoria) sem passar pela via da fantasia ($\$ \diamond a$), mas por meio de uma ligação direta e imediata, cuja fórmula do gozo literal sem mediações é: $a \rightarrow \$$.

É um aspecto curioso dessa leitura do capitalismo, o fato de que os autores costumam acreditar que a contingência do objeto pulsional se opõe à massificação da mercadoria e o sujeito mesmo assim permaneceria insatisfeito. Acredito que há uma tese subjacente que não costumam desenvolver até as últimas consequências. O discurso do capitalismo radical não é compatível com a estrutura do sujeito neurótico. O complexo de Édipo e de castração o protegem. Mesmo quando afetados pelo excesso e levados a desregulações pulsionais enormes, talvez nunca cheguem a devastar-se completamente aderidos ao objeto de consumo. Entretanto, podem adequar-se perfeitamente a ele os indivíduos que foracluem o Nome do Pai, isto é, que são de estrutura psicótica. Nessa nova ordem existe, talvez, mais liberdade para a invenção de soluções à psicose. Estes indivíduos, por outro lado, talvez sejam mais vulneráveis aos efeitos de desregulação pulsional extrema que este discurso pode provocar. A clínica da psicose ordinária é muito rica em exemplos tanto num sentido quanto no outro. Resta desenvolver se o neurótico também consegue beneficiar-se dessa reconfiguração do capitalismo. Até onde o sujeito de estrutura neurótica é capaz de arriscar-se a inventar novas relações capital/trabalho com novos custos. Será que essa possibilidade explica a emergência de tantos empreendedores de si mesmos que temos visto proliferarem na cena social?

Da produção ao consumo: a emergência do sujeito empreendedor no neoliberalismo

O novo discurso do capitalista não é nenhum dos quatro discursos formalizados por Lacan. O capitalismo hegemônico na dinâmica fordista era apenas uma das formas do discurso do mestre. O significativo mestre em posição de agente comanda que se trabalhe, produza para que o capitalista extraia o lucro, a mais valia, o valor de troca. O que Lacan (1972) formulou propriamente como discurso do capitalista é uma nova configuração que abole a dependência da castração e anuncia que tudo é possível. Ele não se encaixa na fórmula dos quatro discursos estruturados anteriormente - como o discurso do mestre, da histérico, da universidade e do analista - que se organizam sob o primado da castração, isto é, erguem-se sob a certeza de que o gozo é impossível.

Sob discurso do capitalista neoliberal, o sujeito é mais orientado pela vocação ao consumo. De acordo com Brown (2015), essa lógica molda a sociedade contemporânea, especialmente em termos

de enfraquecimento das democracias liberais. O neoliberalismo, fundamentado no discurso do capitalista, promove uma reestruturação das democracias liberais ao deslocar o foco do bem comum, entendido como a garantia do futuro e das novas gerações, para o individualismo e o sucesso pessoal. Dardot e Laval (2013) consideram que as antigas noções de participação democrática e representatividade são substituídas por um sistema em que o sujeito é incentivado a se entender como autossuficiente e “empreendedor de si mesmo” reforçando a crença de que o sucesso individual se baseia exclusivamente no mérito. Acrescentamos que cresce entre esses indivíduos a desconfiança em relação ao papel regulador do Estado. Muito acreditam que este último beneficia quem trabalha na caríssima máquina pública e cobra impostos extorsivos de quem empreende e gera riqueza.

De acordo com Fraser (2017) esse enfraquecimento das democracias liberais se dá pelo esvaziamento das instituições políticas tradicionais. Harvey (2005) sublinha que as promessas de justiça social e igualdade, que antes caracterizavam os projetos democráticos, são abandonadas em favor de uma lógica de mercado, na qual as soluções para os problemas sociais são privatizadas e individualizadas. Nesse contexto, o sujeito é responsabilizado por seu sucesso ou fracasso no mercado, enquanto as estruturas institucionais e coletivas são enfraquecidas. Como já mencionamos acima, emerge como resultado desse processo uma nova classe social que, de acordo com Standing (2011), merece ser chamada de precariado porque não tem acesso efetivo à participação política e nem à representação no cenário democrático. É um fato indiscutível. O declínio da crença na representatividade política é uma evidência. Neste cenário, mais pessoas estão decididas a cuidar das próprias vidas e não esperam nada do Estado.

O paradoxo que escapa aos sociólogos mais clarividentes como Dardot e Laval (2013) é que muitos destes mesmos órfãos do fordismo, supostamente precários, se percebem como “empreendedores de si mesmo”. São sujeitos que são levados a entender sua existência como um projeto empresarial. Esse “empreendedorismo de si mesmo” pode ser uma das manifestações mais expressivas do impacto subjetivo do discurso do capitalista neoliberal nas subjetividades contemporâneas. Han (2017) acredita que a subjetividade moldada pela lógica do mercado, é somente uma mercadoria que requer que cada indivíduo se promova como um produto competitivo, pronto para ser comprado e vendido. Essa ideia, de acordo com Sennett (2006) faz com que o sujeito se veja como uma mercadoria que precisa ser constantemente renovada, em uma busca incessante por aprimoramento, eficiência e produtividade.

Ehrenberg (1998) defende que a figura do “empreendedor de si mesmo” não é apenas uma metáfora, mas uma imposição social que atravessa as esferas de trabalho, lazer e até mesmo as relações interpessoais. Para Bauman (2000) essa concepção anula o espaço para o fracasso ou para a vulnerabilidade, já que o sujeito é sempre responsabilizado por sua própria condição. Nesse contexto, segundo Fraser (2017) o sucesso ou fracasso é atribuído exclusivamente ao desempenho individual, desconsiderando as condições estruturais que afetam a vida de cada sujeito. Ainda segundo Fisher (2009) essa lógica impede a formação de laços sociais sólidos e de uma visão coletiva da sociedade, fortalecendo a fragmentação e a precarização.

De nosso ponto de vista, diferentemente, o discurso do capitalismo, ultrapassou o discurso universitário onde nasceu da gestão do processo de produção de mercadorias e acumulação de capital. O processo de circulação do capital, que ganhou uma relativa autonomia graças ao impressionante crescimento do mercado de capitais tem relação com o avanço do neoliberalismo. Vale ressaltar que isso ainda não acontecia no tempo em que Lacan tratou desse assunto. Não será que as relações capital/trabalho modificaram-se profundamente desde então e já não é tão fácil distinguir proprietários dos meios de produção e trabalhadores. A lógica do opressor/oprimido não resume mais a pluralidade das relações de trabalho na contemporaneidade. Muitos autores concordam conosco em tomar o matema do discurso do capitalista em sua relação à ideologia neoliberal. Poucos, entretanto, concordariam em relê-lo à luz dos ganhos de liberdade e responsabilidade para os sujeitos e laço social.

Nesse ponto, reintroduzimos nosso questionamento das leituras negativas com base na prática psicanalítica. Não nos parece que seja de insatisfação, necessariamente, que padece ou usufrui o sujeito contemporâneo. Estamos de acordo com as leituras inspiradas no pensamento marxista no que se refere à tese da tendência à redução da falta causa do desejo ao imperativo de gozo. De fato, muitas vezes o sujeito se apresenta na clínica psicanalítica altamente desregulado pulsionalmente, intoxicado, compulsivo, adicto e perigosamente autodestrutivo. Outras vezes, ao contrário, ele se apresenta mais potente, mais criativo, mais livre das amarras da separação/oposição capital/trabalho e mais capaz de inventar e empreender. Assim, se definimos o inconsciente como real, estamos às voltas menos com um sujeito menos dividido e que se apresenta muito mais como um *fa/asser* ou um corpo falante capaz de introduzir o novo frente ao Real das transformações em jogo nas relações capital/trabalho, lá onde os quatro discursos, o condicionavam a repetir antigas respostas. Por exemplo, a dependência de soluções através de sindicatos profissionais.

Com base numa pesquisa realizada ao longo de muitos anos acerca dos testemunhos de passe na Associação Mundial de Psicanálise, Coelho dos Santos (2022) pode inferir importantes transformações que vem sofrendo a subjetividade contemporânea, através do estudo dos finais de análise. Revelam que os analistas de hoje fazem em suas análises atravessamentos, mas não se espera que atravessem o fantasma fundamental. Ou seja, não se sai dos quatro discurso formalizados por Lacan. Terminar uma análise não significa superar a divisão subjetiva. Não há novas subjetividades estruturadas conforme o discurso do capitalismo neoliberal. Os passantes não alcançam reduzir o discurso do Outro ao "o real impossível de suportar". O inconsciente estruturado como a linguagem não alcança o completo esvaziamento do sentido do sintoma/fantasma. Restam fixados a um resto irreduzível, intratável, que é a sua defesa não eliminável contra um real. "Um real" que se apresenta como "o impossível de suportar". No século passado a travessia do fantasma permitia alcançar a identificação ao sintoma, isto é, a resolução dos impasses no campo da sexualização. Desta forma, a dissolução dos embaraços de um sujeito em amar e trabalhar constituíam a finalidade do tratamento analítico. Hoje, isso já não é suficiente. A subjetividade contemporânea se vê acossada a ir além do binômio sexualidade e trabalho. Cito uma definição de Miller:

O passe do ser falante não é testemunhar sobre a travessia do fantasma, é a elucidação da relação com o gozo, de como o sujeito mudou sua relação com aquilo que não muda, seu modo de gozar, e como ele elaborou as variações da verdade, seu caminho de mentira. É o testemunho de um fracasso, muito mais do que de um sucesso, talvez, da obtenção de uma satisfação, da qual é preciso dizer que ela é, não se demonstra (Miller, 2010, p. 132).

Quero propor uma analogia entre os efeitos de uma análise levada até o fim e os efeitos, eventualmente positivos, do discurso do capitalista nas relações do sujeito com o real do gozo impossível. Proponho, por hipótese, que face à torção proposta pelo quinto discurso - a fim de responder a um real sem sentido que já não se apresenta reduzido às espécies do objeto *a* - o *fallasser*/corpo falante precisará inventar novas soluções singulares para além do enquadramento formal de seu sintoma/fantasma? Essa pode ser uma maneira de pensar a proliferação de produções sintomáticas. Tanto as produções inventivas e responsáveis quanto as formas fracassadas, imaginárias e vitimizantes em jogo na emergência de novos discursos identitários. Ambos podem ser, talvez, tentativas de reinventar-se e reinventar o laço social para enfrentar o real sem sentido. Este último é estrutural, mas parece estar agudizado ou mais desvelado no discurso do capitalismo neoliberal. Desse modo, os efeitos negativos que consistem no empuxo ao excesso pulsional ou à adesão a grupos identitários, não são o melhor efeito do neoliberalismo.

Vivemos em uma época que abre as portas à subjetivação do desejo e da pulsão pela via da singularidade do sujeito. Como destaca Forbes (2016), a desregulação dos padrões verticais das identidades tem levado a buscas frenéticas de reestabelecimento de padrões identitários rígidos que protejam da angústia do mundo flexível. É nesse cenário que florescem as soluções narcísicas que se refugiam em grupos identitários. O risco de soluções narcísicas parasita também os sujeitos que tomam sua singularidade como um instrumento para alcançar a celebridade. Para elucidar esse ponto, vamos recorrer mais uma vez ao que ensinam os finais de análise dos psicanalistas da Associação Mundial de Psicanálise.

Voltando à questão que introduzimos mais acima. Em nossa época o Outro não existe? Não há padrões, consensos coletivos, referências universais? O simbólico na modernidade, à despeito do advento da ciência não dispensava a função organizadora, com valor de autoridade, do significante do Nome do Pai. Coelho dos Santos (2022) argumenta que os finais de análise nos dias de hoje revelam um desejo transmitir sua experiência e de "tornar-se célebre por meio dela". Fica evidente que os analistas ao final de uma longa travessia de seu fantasma compartilham a crença de nossa época no valor supremo da celebridade. Essa conclusão apoia-se nas declarações de Miller (2010) acerca dos testemunhos de analistas sobre seus finais de análise:

Há, no fundo, uma pequena tendência de que o júri do passe seja como o de uma audição ou

de um *casting*,[...] Há como uma obrigação de ter o desejo de falar, o desejo de trabalhar. Eu diria até que seria necessário que uma análise leve ao desejo de se exibir, quer dizer que o passe tem alguma coisa do desejo do ator (Miller, 2010, p. 194).

Esse gosto pela celebridade, pelo palco, pela exibição, talvez possa ser renomeado como gosto pela visibilidade. O empreendedor de si mesmo deseja, talvez, trocar a invisibilidade do trabalhador anônimo pela obra artística.

O valor concedido à singularidade de cada um deveria nos conduzir a um laço social mais tolerante e pluralista se, na nossa época o Nome do Pai tivesse realmente se esvaziado a ponto de podermos pensar que o Outro não existe. Porém, temos verificado que estamos na época da pós-verdade onde emergem ficções identitárias tirânicas e segregadoras. Porque será que liberados do Nome do Pai como sintoma coletivo, caímos sob a tirania da normatividade dos grupos identitários ou dos comitês de pares? Penso que esse caminho não nos singulariza, pois apenas nos torna membros de uma tribo entre outras. Não haveria nos dias de hoje uma tendência a nos inserir em grupos que compartilham um modo comum de gozo? Os lugares de fala e as políticas identitárias para alguns indivíduos substituíram o Nome-do-pai para-todos. Na experiência de cada um desses indivíduos as ideologias pós-modernas são uma via de liberação da opressão patriarcal e trazem ganhos de direitos civis e visibilidade social.

Na contramão dessa opção política, um grande número de sujeitos rejeita os discursos desconstrutivistas radicais pós-modernos. Apostam nos valores universais, legado do iluminismo, e seguem defendendo os ideais da Declaração universal dos direitos do homem: igualdade, liberdade e fraternidade. Rejeitam aderir ao feminismo radical, às ideologias de gênero e ao radicalismo das lutas antirracistas americanizadas que não reconhecem que o Brasil é um país de maioria absoluta de indivíduos miscigenados. Um exemplo deste tipo de solução, igualmente identitária, é a expansão das igrejas neopentecostais que oferecem um espaço para a criação de laços sociais e simbólicos orientados por valores típicos do protestantismo que encorajam a dedicação ao trabalho e o ideal de prosperidade. Para Oro (2003) trata-se de uma lógica de controle e exploração, que alimenta o discurso da "extrema direita". Do ponto de vista do sujeito em questão, a liberdade de empreender com autonomia seus pequenos negócios ou de gerenciar sua força de trabalho no ritmo que melhor lhe convém representa uma conquista recheada de promessas de, finalmente, abolir a separação entre proprietários dos meios de produção e trabalhadores.

Forbes (2016) destaca este paradoxo. Afirma que temos um país em franca guerra civil de palavras, a caminho da guerra física:

Amigos se evitam para não brigar. Há um medo generalizado em dar opinião e apanhar, convivendo com um estranho prazer agressivo. Nunca se deletou tanto nas redes sociais, nem tanto se autocensurou. Dois campos opinativos de tamanhos diferentes se confrontam, cada

qual aferrado à sua verdade que, de tão evidente para eles, os leva a acreditar que os outros são canalhas. (s.p.).

Segue-se sua maneira de servir-se do último ensino de Lacan como orientação: “melhor verdade é a mentirosa, não tem cabimento tentar fazer que a morte do outro seja a prova de minha verdade, tornando-a idealmente menos opaca e menos responsável.” (Forbes, 2016, s.p.). Argumenta que é necessário um novo paradigma para a política sair desse impasse maniqueísta e desastroso. Recomenda o tratamento clínico: “Fazer-se tolo de um real” (Forbes, 2016, s.p.). O psicanalista explica que fazer-se tolo é o avesso de se fazer de esperto, de tudo conhecer e ter sua ação garantida por esse conhecimento. Fazer-se tolo de um Real corresponde à diminuição da esperança de tudo saber ante as escolhas ou decisões e, em decorrência, leva ao aumento da aposta. Essa atitude exige dois compromissos éticos fundamentais: invenção e responsabilidade. Invenção de uma resposta singular ao furo do sentido no Real e responsabilidade de fazer essa resposta singular passar no mundo.

Referências Bibliográficas

- Bauman, Z. (2000). *Liquid modernity*. Polity Press.
- Brown, W. (2015). *Undoing the demos: Neoliberalism's stealth revolution*. MIT Press.
- Calazans, R., Gomes, M. C. C, Medeiros, A. A., Sousa, R. A. (2023). Do discurso capitalista neoliberal ao sujeito como inapropriável. *Dossiê psicanálise e política: a insistência do real, Revista da UERJ*.
- Coelho dos Santos, T. (2014). Do supereu sujeitoado a lei simbólica a normatividade social dos corpos falantes. In: Os corpos falantes e a normatividade do supersocial (pp. 27-63). Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Coelho dos Santos, T. (2019). O que é e onde começa a pós-modernidade? In: T. Coelho dos Santos, A. L. Santiago & F. L. G. de Oliveira (orgs.). *Reconfigurações do Imaginário no Século XXI* (pp. 17-32). Curitiba: Editora CRV.
- Coelho dos Santos, T. (2022). Moral sexual civilizada em desconstrução: invenções e impasses. In M. C. Poli, F. Costa-Moura, & M. Mollica. *Fora do armário, a realidade sexual do inconsciente* (pp. 56-78). Curitiba: Editora Appris.
- Coelho dos Santos, T. (2023). A direção do tratamento analítico. In: T. Coelho dos Santos, & D. N. Abreu. (orgs.). *Todo mundo é igual? clínica da psicose ordinária e do autismo* (pp. 19-39). Curitiba: Ed. CRV.
- Dardot, P., & Laval, C. (2013). *The new way of the world: On neoliberal society*. Verso.
- Ehrenberg, A. (2010). *The weariness of the self: Diagnosing the history of depression in the contemporary age*. McGill-Queen's University Press.
- Fisher, M. (2009). *Capitalist realism: Is there no alternative?* Zero Books.
- Forbes, J. (2016). Fazer-se tolo de um real: o que é crer no sinthoma? *Nano-psicanálise*. Recuperado de: <http://jorgeforbes.com.br/fazer-se-tolo-de-um-real-o-que-e-crer-no-sinthoma/>

- Fraser, N. (2017). *The old is dying and the new cannot be born: From progressive neoliberalism to Trump and beyond*. Verso.
- Glyn, A. (2006). *Capitalism unleashed: Finance, globalization, and welfare*. Oxford University Press.
- Han, B.-C. (2015). *The burnout society*. Stanford University Press.
- Harvey, D. (2005). *A brief history of neoliberalism*. Oxford University Press.
- Jessop, B. (2002). *The future of the capitalist state*. Polity Press.
- Lacan, J. (1972). *Do Discurso Psicanalítico, Conferência de Lacan em Milão em 12 de maio de 1972*. Recuperado de: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5767159/mod_resource/content/1/DO%20DISCURSO%20PSICANAL%C3%8DTICO%20-%20Lacan.pdf
- Lacan, J. (1992). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Malcher, F. M. (2022). Qual discurso do capitalismo? *Ágora Ensaios em teoria psicanalítica*, 25(3).
- Martín-Barbero, J. (2014). *De los medios a las mediaciones: Comunicación, cultura y hegemonía*. Convenio Andrés Bello.
- Marx, K. (2013). *O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1867).
- Miller, J. A. (2005). *O Outro que não existe e seus comitês*. Buenos Aires: Edición Paidós. (Trabalho original publicado em 1996-1997).
- Miller, J. A. (2005). A era do homem sem qualidades. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 1. Recuperado de: http://www.isepol.com/asephallus/numero_01/traducao.htm
- Miller, J. A. (2010). Haveria passe? *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 5(10). Recuperado de: http://www.isepol.com/asephallus/numero_10/traducao1_revista10.html
- Mouffe, C. (2018). *For a left populism*. Verso.
- Oro, A. P. (2003). Pentecostais e neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. *Vozes*.
- Sant'Anna (2024). *Do Outro ao outro, Respostas Subjetivas Singulares ao Desmoronamento dos Laços Sociais e à Fragmentação do Simbólico no Contemporâneo*. (no prelo).
- Sennett, R. (2006). *The culture of the new capitalism*. Yale University Press.
- Singer, A. (2012). *Os sentidos do lulismo: Reforma gradual e pacto conservador*. Companhia das Letras.
- Soler, C. (2011). O Discurso Capitalista. *Revista de Psicanálise Stylus*, (22), 55-67. Recuperado de: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/816>
- Standing, G. (2011). *The precariat: The new dangerous class*. Bloomsbury.
- Streeck, W. (2014). *Buying time: The delayed crisis of democratic capitalism*. Verso.
- Teixeira, A. (2007). *A soberania do inútil e outros ensaios de psicanálise e cultura*. São Paulo: Annablume.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (mai. 2024 a out. 2024). Discursos do capitalismo e ideologia neoliberal: perspectivas lacanianas das respostas subjetivas ao real. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(38), 85-101. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n38p85-101

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 01/10/2024 / 10/01/2024.

Aceito/ Accepted: 12/11/2024 / 11/12/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.